

HISTÓRIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS EM ABAETETUBA: UMA RELEITURA DA MEMÓRIA DOCENTE SOBRE A IRMÃ STELLA MARIA DE ITAPIPOCA.

Milton Raphael Torres Borges¹

Benedita das Graças Sardinha da Silva²

Jorge Ricardo Coutinho Machado³

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação cujo objetivo é fazer uma rememoração da atuação docente da Irmã Stella Maria de Itapipoca no município de Abaetetuba, entre as décadas de 50 e 80, ministrando a disciplina ciências no Instituto Nossa Senhora dos Anjos; Uma escola particular, tradicional com um corpo docente formado apenas por Irmãs da Congregação Capuchinhas e uma clientela constituída por meninas. A metodologia adotada fundamenta-se na abordagem qualitativa apoiada na História Oral, tendo nas entrevistas importante instrumento de coleta de dados, bem como na análise de fontes documentais e no levantamento bibliográfico. A partir dos dados obtidos nas entrevistas e no levantamento documental, pode-se constatar que a irmã Stella Maria influenciou, a partir de sua atuação como professora de ciências e de sua atitude como educadora, as escolhas profissionais e visões de mundo de uma parcela significativa de suas alunas, a ponto de ser reconhecida como personalidade relevante para a história da cidade, inclusive tendo seu nome atribuído a uma importante escola estadual nela situada, além de denominar uma irmandade de leigas religiosas e ter em sua prática docente reconhecida o ideal do aprender fazendo escolanovista.

Palavras-chave: formação docente. Memória. História do Ensino de Ciências. Escola Normal.

1- Introdução

A memória não serve apenas para lembrarmos algo que já passou, nem para tê-la apenas como recordações de velhos. A memória de pessoas que contribuíram com alguma área da ciência ou com a sociedade de uma dada época contribui para que elas se eternizem nas lembranças e no coração dos que as conheceram. Uma sociedade que não tem registrado os fatos ocorridos em seu passado terá dificuldade em se desenvolver e progredir. O passado histórico é indispensável para haver, no presente, uma valorização dos sujeitos, de suas experiências, seus conhecimentos, sua tradição e valores. O passado é, portanto, intrínseco a natureza humana, tem como protagonistas

¹ Graduando de Pedagogia CUBT-UFPA/Abaetetuba. Professor de Língua Inglesa (*British and American Institute*). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Formação Docente (GPEM-UFPA/Abaetetuba). Bolsista PIBIC/PARD. miltonborges16@hotmail.com

² Professora da Educação Básica do Município de Abaetetuba. Graduada em Pedagogia UFPA. Graduada em Matemática UEPA. Aluna de Especialização em Educação Matemática UEPA. sardinhadousj@yahoo.com.br

³ Professor de Metodologia e Prática de Ensino do ICED/UFPA. Mestre em Educação em Ciências-UFPA. Doutorando em Educação em Ciências-UFPA. jmachado@ufpa.br

pessoas que se afirmaram por sua trajetória construída e reconstruída em suas vivências e aprendizado no meio social. Além disso, fazer um resgate de memória é evitar que uma avaliação confusa ou infundada seja feita sobre um passado incompreendido, sem as devidas informações. É fundamental para amadurecer e entender o que se passou e o que se passa, já que o passado nunca é vazio, sem contexto, mas colabora para a ampliação de informações capazes de formar uma identidade.

2 - Referencial teórico

Aqui se pretende tratar de alguns conceitos e traçar algumas discussões referentes aos aportes conceituais que darão embasamento e sustentação a esta pesquisa. Inicialmente será pontuada uma discussão sobre memória, destacando sua importância para rememorar alguns pontos de atuação da docente, Irmã Stella Maria, que é o foco desta pesquisa. Será discorrido também, sobre História Oral, que é uma metodologia que tem como base a oralidade e estar centrada na experiência do vivido.

Não podendo deixar de fazer um breve histórico da docência feminina no Brasil, já que a centralidade deste trabalho é a memória de professoras, ficou inevitável discorrer sobre o processo de inserção da mulher na carreira docente. E por fim, será traçada uma breve trajetória histórica do Ensino de Ciências no Brasil, buscando evidenciar as mudanças ocorridas no cenário político, econômico e social e sua influência no ensino de ciências no país de um modo geral e, principalmente, na atuação da Irmã Stella Maria, enquanto docente dessa disciplina.

2.1 - A Memória como revivescimento do passado.

Falar de memória é pensar na capacidade do ser humano em retomar o já vivido, trazendo a tona fatos, pessoas, lugares, acontecimentos de uma dada época que ficam armazenados no cérebro de cada um através de imagens. A memória permite essa conexão subjetiva do tempo presente com o tempo passado. É através dela que o passado pode ser revisitado na atualidade e ser conservado para o futuro.

Essa elasticidade da memória torna possível a permanência de lembranças importantíssimas e até indispensáveis para um indivíduo, um povo, uma sociedade e, no caso deste trabalho, para a produção do conhecimento, tendo como principal instrumento de propagação dessas lembranças, a linguagem, que é uma particularidade intrínseca a natureza humana e elemento capaz de promover a socialização e aproximação dos acontecimentos e dos tempos históricos.

Contudo, fazer a reconstituição, através da memória requer considerar nossas lembranças (memória individual) e as lembranças dos outros (memória coletiva), visto que a veracidade dessa

evocação do passado dará maior sustentação quando se dá de forma coletiva. Halbwachs (1990, p. 31) salienta que:

(...) uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo.

Desse modo, a memória coletiva é posta em evidência, a fim de dar embasamento à memória individual, já que esta última, sozinha, não garante uma descrição e análise minuciosa de situações que trazem de volta as imagens do passado.

Aos sucessivos acontecimentos que transcorrem no percurso de nossa vida, posteriormente irão se constituir como elementos de nossa identidade. Que segundo Le Goff (1996, p. 476) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva.”.

É através da memória que se torna possível desvelar a identidade pessoal ou até mesmo de um grupo. Com seu uso pode-se revelar quem foi o que fez descobrir traços de suas características pessoais, profissionais, culturais, político, enfim abarcando todas as suas especificidades.

Por outro lado, a sociedade atual acaba supervalorizando excessivamente, o presente, com seus atrativos tecnológicos, suas necessidades, o supérfluo, e acaba esquecendo-se de recorrer ao passado, de lembrar o que já ocorreu, negligenciando que o momento que vivemos agora é consequência da repetição de coisas que no passado deram certo ou do aprimoramento daquilo que precisou ser aperfeiçoado.

Com isso, cria-se o estigma de que somente as pessoas com mais idade e menos afazeres se interessam em percorrer novamente as linhas do tempo em busca de lembranças, sonhos e imagens que lhes tenham alguma importância. Essa forma de pensar torna-se infundada e até mesmo errônea para o campo científico, que vê a pessoa idosa como uma importante fonte de informações relevantes e preciosas para o mesmo.

Um teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo ainda esta absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p. 60)

Portanto, a memória deve ser percebida não apenas como recordação do vivido, mas, sobretudo, como uma fonte de suma importância de épocas que não foram vividas por pessoas do presente. Em outras palavras a memória é a presença do passado com o olhar do presente.

2.2 – História Oral e memória.

A história Oral vem sendo definida como uma metodologia de pesquisa dentro das ciências humanas e sociais, por levar em consideração e discutir questões pertinentes às relações humanas que se dão no interior de um determinado contexto social.

A Oralidade é a maior característica da História Oral, tendo nos relatos seu principal suporte de propagação. Para relatar um dado fato é necessário que se tenham fontes orais diversificadas que possam testemunhar este ocorrido através de uma sequência de técnicas, a fim de dar veracidade àquilo que não foi documentado.

Conceituando História Oral, Correa (1978, p. 14) a designa como:

(...) essencialmente uma história da vida que ao historiador ou ao pesquisador interessa somente aquela determinada pessoa que presta informações, pois só ela tem condições para tal, por suas experiências.

A História Oral é didaticamente utilizada como metodologia de pesquisa, uma vez que, com a oralidade torna-se possível elucidar fatos singulares para o pesquisador. Para Teixeira (2004, p. 154) “ela reúne, propõe e contém um conjunto de princípios teórico-epistemológicos que fundamentam e norteiam a construção da pesquisa, da investigação dos fenômenos da vida humana e social”.

Por esse vínculo com as questões subjetivas do homem e da sociedade essa metodologia de pesquisa tem um vínculo estritamente qualitativo.

Como método de pesquisa a História Oral se aproxima de estudos referentes à memória, já que uma das principais formas de obtenção de dados na reconstituição da memória são os relatos orais de vida. Relatos esses que inicialmente são considerados fontes primárias e posteriormente servirão para enriquecer e complementar documentos históricos já existentes ou tornar visível o que ainda não é de conhecimento público.

(...) Cabe ao historiador oral obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memória, senão forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente (...) (CORREA, 1978, p. 15)

2.3 - A Mulher no Magistério

Educação e sociedade sempre mantiveram uma relação permanente e a educação sofre diretamente as consequências das transformações sofridas pela sociedade e se modifica de acordo com o momento histórico que se vivencia. Com isso ao falar de um determinado fenômeno na educação deve-se considerar inicialmente o contexto que ocorreu.

Durante o período dos jesuítas a educação era monopolizada pela Igreja Católica. Histórica e culturalmente esse modelo de educação perdurou e deixou resquícios. Por volta do século XIV, em decorrência da reforma protestante, que pretendia desvencilhar alguns dogmas da igreja católica, há um número crescente de instituições educacionais religiosas implantadas no país, visando manter seus domínios sobre a população.

Contudo, o surgimento da educação formal no Brasil não deu de forma homogênea entre as classes sociais, nem entre os sexos. A mulher, com menos prioridade na sociedade, recebia instrução educacionais e para cuidar do lar. Desse modo, a atuação da mulher no magistério acabava por se tornar uma extensão de sua “vocação” para maternidade, ideário muito frequente na época, em que “alocar as mulheres a responsabilidade educativa das crianças sempre foi uma resposta defendida vigorosamente nos meios políticos e intelectuais brasileiros (...)” (ALMEIDA, 1998, p. 31).

Somente por volta de 1835 surgem às primeiras escolas normais exclusivas para o sexo feminino, com a finalidade de instruir para uma profissão e, mantendo o caráter de formar donas de casas e mães. Com o aumento do nível de instrução da mulher, associado ao ideário de pureza virginal, de dona do lar, forma-se a pessoa adequada para educar e formar os alunos daquela época.

“o magistério, entendido como um prolongamento das atividades maternas passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher” (NOVAES, 1987, p. 22)

Inicialmente, essas turmas eram compostas por alunos com idades e níveis de instrução diversa, com as professoras trabalhando no mesmo espaço. Já nos anos 90, para atender a demanda da economia, que no momento era regida pelos barões do café e o início da implantação das indústrias siderúrgicas, as turmas passam a ser organizadas em séries. “Mas, ainda em 1907, o tipo comum de escola primária é a de um só professor e uma só classe, agrupando alunos de vários níveis de ensino” (RIBEIRO, 1998, p. 85).

Na década de 30 surge a faculdade de filosofia e a mulher, que até então só tinha o curso secundário – atual ensino médio – tem a oportunidade de frequentar os cursos de Pedagogia, História, Letras e Geografia. Na década de 40 é criada a Lei do Ensino Normal com os cursos para as normalistas. “A primeira delas foi criada em 1830, em Niterói, sendo pioneira na América Latina

e, de caráter público, a primeira de todo o continente, já que nos Estados Unidos as que existiam eram escolas particulares.” (ROMANELII, 1978, pg. 163).

Apenas no final do século XIX há uma expansão do ensino público primário desenvolvido sob as responsabilidades do Estado, contribuindo ainda mais para a enorme presença feminina no magistério, que cada vez mais iam aumentando sua participação no quadro de funcionárias públicas na província.

Analogamente ao que foi discorrido, referente às escolas religiosas, a docência feminina e a instituição de ensino onde a pesquisada (Irmã Stella Maria) ajudou a fundar e atuou como professora possui duas características relacionadas: é uma escola estritamente religiosa e o corpo docente e discente - no período de sua fundação e por um longo período de tempo - era formada somente por mulheres, sendo que estas primeiras eram integrantes da Congregação Irmãs Missionárias Capuchinhas.

Portanto, a educação desde seu estágio embrionário tem a mulher como seu potencial de docência, seja por sua opção religiosa, por sua inevitável capacidade de ser mãe ou por mérito de lutas e iniciativas, que lhe fez burlar muitos entraves, desvalorização social e financeira até ganhar seu espaço.

2.4 - O Ensino de Ciências no Brasil: Um breve histórico.

O Ensino de Ciências sofreu grandes transformações, acompanhando a situação política, econômica, social e cultural em que o mundo se encontrava. Até a década de 40 o ensino de ciências era estritamente teórico, expositivo e tradicional.

Na década de 50, os avanços na tecnologia, na ciência e na indústria Bélica, acarretaram mudanças no currículo escolar atentando mais para suprir as necessidades econômicas desse modelo vigente.

Além disso, as idéias nascentes da Escola Nova e as discussões acerca da LDB propunham uma educação capaz de associar a teoria com a prática, ou seja, um saber provindo da experiência, uma aplicação da teoria. E um forte aliado nessa transformação era o laboratório que proporcionava ao aluno o “aprender fazendo”.

Na década de 70, com o contínuo processo de industrialização do Brasil, houve um foco de crise no fornecimento de energia. Surgem as primeiras preocupações com os danos causados ao meio ambiente Então, uma nova meta surge no ensino de ciências: o de despertar no aluno a consciência de que as questões sociais têm influencias diretas na produção e desenvolvimento do conhecimento científico.

Com a promulgação da Lei nº 5.692/71, a finalidade do ensino tomou a conotação de formar trabalhadores para atender ao modelo desenvolvimentista, que a economia do país vivia na ocasião.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou em 1983 um subprograma para o ensino de ciências, para que, através dele pudesse haver melhoras no ensino dessa área do conhecimento, promovendo formação dos professores, estimulando a pesquisa e implementando o uso das tecnologias em suas metodologias de ensino. Vale frisar que todas essas transformações eram fruto de um embate teórico entre aqueles que viam na educação um atalho para atender aos objetivos e necessidades de um modelo econômico e outros que tentavam esclarecer às pessoas que a educação era capaz de promover a formação integral do indivíduo, não só para o trabalho, mas para o convívio social e para sua emancipação.

Novamente retornamos a década de 50 para ressaltar que o ensino dado pela irmã Stella nesse período fez toda diferença, uma vez que, sua maneira de ensinar contrapunha-se as finalidades proposta na educação da época. Com uma metodologia inovadora essa docente ensinou que é possível aprender na prática e instigou seus alunos a serem gerenciadores de seu próprio aprendizado, uma verdadeira escolanovista no arcaico ensino da Abaetetuba de sua época.

2.5 – Biografia e metodologia de ensino da Irmã Stella Maria

Maria Augusta de Freitas. Esse era o nome de origem de uma jovem que nasceu na localidade Timbaúba no município de Itapipoca no Ceará, no dia 18 de abril de 1920. Em oito de dezembro de 1949 fez a profissão perpétua, ingressando na congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas e, conseqüentemente, passando a se chamar Irmã Stella Maria de Itapipoca. Stella foi o nome por ela escolhido, Maria era obrigatório em todos os nomes das irmãs e Itapipoca era o nome do município onde ela nasceu.

No início da década de 50, Stella e outras Missionárias Capuchinhas chegam a Abaetetuba e, junto com outras cinco irmãs, fundou o educandário Nossa Senhora dos Anjos, um dos locais em que se deu sua atuação docente. A educação nessa instituição tinha um caráter conservador e representava os preceitos de moral e fé, além de formar mulheres cristãs, voltadas para cuidar de seus esposos, filhos, casas e atender os padrões exigidos para uma mulher daquela época.

Quanto a sua ação pedagógica, Stella tinha grande interesse pelo ensino experimental. Achava que o aluno devia “aprender fazendo”, a partir desse ponto de vista, orientou a instalação da sala de ciências no INSA, bem como estimulava a confecção de recursos didáticos para o ensino lúdico de matemática.

Embora naquela época ainda não existisse algo como o construtivismo, produto das décadas posteriores ao século XX, pode-se perceber claramente a influência de Dewey e do movimento escolanovista em suas ideias e práticas, não que esse importante pensador americano fosse citado por ela. Era mais um “estado do espírito” no qual se percebia o ideal do “aprender fazendo”.

Assim, A Irmã Stella foi uma docente com perspectivas e metodologia bem a frente de sua época para o ensino de ciências e matemática. E, justamente, essa maneira inovadora de conduzir suas aulas foi conquistando, paulatinamente, a confiança de todos que a conheciam.

2.6 – Metodologia de ensino da Irmã Stella Maria e influência nas escolhas profissionais de suas alunas.

As entrevistas foram concedidas por três ex-alunas do Instituto Nossa dos Anjos, que autorizaram a divulgação de seus nomes na inserção deste trabalho.

A partir destas ficou evidente que a forma de ensinar de Irmã Stella encantou e serviu de exemplo para muitas de suas alunas durante o período em que atuou. Pela descrição dada. Stella era uma pessoa tão dedicada e apaixonada pelo que fazia que tornou o ensino de ciências e matemática um modelo para suas discentes a tal ponto que muitas delas seguiram seus estudos e se aperfeiçoaram na área das ciências.

O grande diferencial da sua forma de ensinar estava na possibilidade dos alunos chegarem a suas próprias conclusões e fazer suas deduções a partir dos experimentos feitos em laboratório. Com isso, o aluno descobria a importância de atentar aos detalhes mínimos, porém essenciais, dos experimentos que faziam. Mesmo que imperceptível, por parte do aluno, essa forma de conduzir as aulas tornava-o gerenciador de seu próprio conhecimento.

Olha ciências era uma dedicação assim... que atraia a gente porque eu nunca vi aquela Irmã dar uma aula de ciências que não tivesse a parte prática e os alunos que se identificavam com a disciplina ela adotava como auxiliares dela, como se fosse monitores como dizem hoje...toda semana era “Guacélis, olha amanhã vou preparar a aula de tal assunto, tu tens tempo pra vir pra cá comigo?” eu ia de manhã prá lá, pro INSA, agente fazia montagem tudinho, testava, planejava tudo, auxiliava ela e aprendia, quando era de tarde a aula era ministrada na turma. Era interessante que pra cada turma ela tinha uma aluna que era o braço direito dela (Professora Guacélis)

Então os conteúdos de ciências eles eram trabalhados na maioria das vezes de forma prática existiam os livros de orientação, os livros de pesquisa e nós tínhamos todo um preparo (...) naqueles dias da pesquisa da questão dos trabalhos

em equipe você tinha que buscar respostas através das suas experiências, analisando, observando onde você tinha a participação de todos. Então o complemento do conteúdo era de uma maneira prática, experimental onde você tinha a observação e tirava suas conclusões, claro que muitas vezes nós tínhamos que fazer as deduções, deduzir porque que acontecia aquilo e a medida do tempo que você observava e ela buscava, indagava até você encontrar um meio de você atender a sua curiosidade (cenita)

... ela era boa professora de matemática, mas a paixão o forte dela mesmo era a prática da ciência, ela fazia de tudo para que a ciência tivesse um entendimento prático pra vida, entender o porquê dos fenômenos que aconteciam (Ruth Célia)

Não se pode negligenciar a importância desse olhar da Irmã Stella numa perspectiva futura. Era uma inovação que não se tinha naquela época, mas que na atualidade tem fundamentação nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que têm como pressupostos a contextualização e a interdisciplinaridade, como diretrizes para trabalhar ciências.

Todo esse carisma e preocupação da Irmã Stella em ofertar um ensino inovador despertou em suas alunas um apego pela disciplina Ciências, visto que, muitas delas afirmaram que não viam na carreira do magistério a melhor opção para uma escolha profissional. Contudo, ao ingressarem no Instituto Nossa Senhora dos Anjos e ao entrarem em contato com a metodologia adotada pela Irmã Stella perceberam que a docência pode ser uma atividade prazerosa quando é feita com dedicação e seriedade, conforme observado em algumas falas das entrevistadas:

Quando eu era criança não pensava em seguir essa profissão, queria ser médica, pensava que ser professora dava muito trabalho, pensava que não ia dar conta disso, aí quando ingressei no ginásio que começou a me incentivar nessa parte prática, a trabalhar como assistente da professora ajudando os colegas despertou o sentimento do cooperativismo e assim íamos nos ajudando a subir juntos...e foi assim que comecei a descobrir que a ciência era a minha paixão...eu não tinha o interesse por ciências, mas quem despertou foi ali aquela vivência, o dia-a-dia, quatro anos indo todo dia pro laboratório e foi me despertando e eu cheguei aonde eu cheguei... a Irmã Stella foi um modelo dos mestres que passaram pela minha vida. Fiz a minha licenciatura e minha especialização também em ciências, então essa paixão, essa coisa que nos levou a sonhar, sonhar, sonhar... (Professora Guacélis)

Acho que esse foi o ponto principal porque se tivesse recebido outra professora eu não teria encontrado uma professora como ela, que me despertasse o gosto pelas

ciências (...) mas esse despertar pelo ensino de ciências ele se deu justamente quando eu estava no curso ginásial e que foi aluna dela (...) eu tinha facilidade em fazer as minhas análises tirar minhas conclusões e aquilo era real era verdadeiro (Cenita)

2.7 - A influência na forma de ensinar

Quando ingressaram na carreira do magistério as entrevistadas procuraram trabalhar o ensino de ciências de forma semelhante a maneira como aprenderam com a irmã Stella, utilizando metodologias que mostrasse a praticidade dos conteúdos, que pudessem fazer os experimentos e tirar suas deduções e, dessa forma, despertar a curiosidade do aluno para outras descobertas.

Com isso a gente conseguiu se apaixonar pela forma como ela trabalhava e até hoje pra mim eu sempre digo foi a minha mestra, o meu exemplo de profissional na educação, na área das ciências, eu não consigo ver e nem trabalhar ciências se não for buscando a ligação do conteúdo, da teoria com o cotidiano, com a prática pra que tenha realmente o aprendizado por excelência. (Guacélis)

Então dali a maioria se dedicou ao ensino de ciências, nós passamos a ter gosto por estudar ciências e nós levamos pra sala de aula, quando fomos trabalhar no Estado (...) essa forma que nós aprendemos nós transferimos para o nosso trabalho. Então foi quando nós começamos a questão de ensinar de uma maneira diferente o ensino de ciências. Mas por quê? Porque nós tínhamos tido todos esses ensinamentos com o ensino através da prática. Então foi desenvolvido em cada um de nós aquele gosto pelas ciências (...) nós procuramos trazer essa forma de ensino pra nossa sala de aula, com tudo que agente aprendeu. (Cenita)

Toda essa inovação no ensino apresentado por elas foi algo surpreendente para os alunos daquela época que estavam habituados com um ensino decorativo, com a memorização do ponto, formulários com perguntas e respostas sem maiores questionamentos, resumidamente, era um ensino tradicional que foi surpreendido por uma didática inovadora.

Nós estávamos em pleno período onde a educação era aquela educação formal, onde o aluno tem que ficar quietinho ouvindo as informações, onde o silêncio era o mais importante no ensino (...) tinha a questão do comportamento e esse comportamento passava por tudo, principalmente pelo silêncio. Nessa época, as pessoas trabalhavam na questão de decorar, pergunta e resposta aquela coisa que

a gente não aceitava então a gente procurava sempre trabalhar os ensinamentos que nós recebemos e a gente se deu muito bem, porque também transmitimos a outros alunos o gosto. (cenita)

Portanto, as ex-alunas da Irmã Stella Maria declaram sempre estar envidando esforços na tentativa de fazer com que suas formas de ensinar não seguissem aquele modelo existente na época. Para isso, investiram na utilização de aulas prática com material concreto, que pudessem chamar a atenção do aluno e o auxiliasse na construção de conceitos como elas estudaram e perceberam que essa forma de atuar dava certo e surtia efeito para o aprendizado do aluno.

3 - Conclusão

Por tudo isso, pretendeu-se com este trabalho, evitar que a passagem da Irmã Stella em Abaetetuba caísse no esquecimento por parte de seus habitantes, justamente, por entender que ela, como docente e religiosa, participou efetivamente para a implantação de alguns espaços educacionais que estão contribuindo com a educação deste município até hoje.

Por se tratar de uma pesquisa cuja metodologia é a história de vida, considerou-se extremamente significativo complementar o levantamento bibliográfico com as entrevistas, pois esse modelo de investigação permitiu conhecer o contexto em que se deu a atuação da Irmã e a importância que ela teve na vida de suas alunos e assim tornar a construção escrita mais significativa e abrangente.

As impressões ao falar de uma figura histórica como a Irmã Stella, certamente são de lisonjeio, visto que, esta docente conseguiu desenvolver uma metodologia tão própria que a diferenciava das demais e, de certa forma, rompeu com aquele ensino arcaico de sua época, mesmo conservando seus princípios de religiosa.

Buscou-se, a partir dos relatos obtidos, falar de seu compromisso com a educação. Não redigindo uma hagiografia, mas salientando suas contribuições para formação profissional e religiosa de suas alunas e que posteriormente foi refletido na volta delas à escola inicial de formação como professora, seguindo a mesma tendência adotada pela Irmã.

Assim, espera-se que o propósito de difundir a contribuição da Irmã Stella para a educação deste município – Abaetetuba – além de historiar um pouco do ensino de ciências nesta localidade, seja contribuição válida para a história da educação e particularmente da educação em ciências.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPUCHINHAS, Irmãs Maria. **INSA – 25 anos**. Abaetetuba: Falange, 1978.

CORREA, Carlos Humberto P. **História Oral: Teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al] 4ª Ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MAUÉS, Marilene da Silva e SANTOS, Shyrley Patrícia Fiel dos. **Formação de Professores em Escola Confessional em Abaetetuba – PA nos anos 50 e 60**. Belém: UFPA, 2003; Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora Primária: Mestra ou Tia**. 3ª Ed. São Paulo: Autores Associados, 1987.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira: A organização escolar**. 15ª Ed. Ver. e amp. São Paulo: autores associados, 1998.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 28ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro. **História Oral e Educação: virtualidades, impregnações e ressonâncias**. Curitiba: Champanat, 2004.